



UFPB

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

GABRIELE MAROLLA

TOLKIEN E FOUCAULT:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DAS RELAÇÕES DE PODER EM *O HOBBIT*

João Pessoa

2018

GABRIELE MAROLLA

TOLKIEN E FOUCAULT:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DAS RELAÇÕES DE PODER EM *O HOBBIT*

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras-Português, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito à obtenção do Grau de Licenciado(a) em Língua Portuguesa.

Orientador(a): Profa. Dra. Amanda Batista Braga.

João Pessoa

2018

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M354t Marolla, Gabriele.

Tolkien e Foucault: uma análise discursiva das relações de poder em O Hobbit / Gabriele Marolla. - João Pessoa, 2018.

43 f.

Orientação: Amanda Batista Braga.
TCC (Especialização) - UFPB/CCHLA.

1. J.R.R. Tolkien. 2. Discurso. 3. Poder. 4. Foucault.
5. O Hobbit. I. Braga, Amanda Batista. II. Título.

UFPB/CCHLA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE LICENCIATURA EM LETRAS

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Ata da sessão de defesa de Monografia para obtenção do grau de Licenciatura, conferido a **Gabriele Marolla**. No oitavo dia do mês de junho de dois mil e dezoito, reuniram-se na UFPB, Campus I, João Pessoa, os membros da Banca Examinadora composta pelos Professores Prof^ª. Dr^ª. Amanda Batista Braga (UFPB), Profa. Dra. Oriana de Nadai Fulaneti (UFPB) e Profa. Dra. Edjane Gomes de Assis (UFPB), com o objetivo de proceder à arguição da monografia intitulada **Tolkien e Foucault: uma análise discursiva das relações de poder em O Hobbit.**, requisito conclusivo para obtenção do grau de Licenciado(a) em Letras – habilitação língua portuguesa. Após a arguição, os membros da Banca reuniram-se para deliberar sobre a nota a ser atribuída à monografia. O(A) presidente da sessão comunicou ao(à) aluno(a) e demais presentes que, por decisão da Banca, foi atribuída à monografia a nota 9,5. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, assinada pelos membros da Banca. João Pessoa, 08 de junho de 2018.


Prof^ª. Dr^ª. Amanda Batista Braga (UFPB)
Orientador(a)


Profa. Dra. Oriana de Nadai Fulaneti (UFPB)
Examinador(a) 1


Profa. Dra. Edjane Gomes de Assis (UFPB)
Examinador(a) 2

Profa. Dra. Mônica Mano Trindade Ferraz (UFPB)
Suplente

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus particular, a quem eu carinhosamente chamo de Eru Ilúvatar: maior inspiração.

Aos meus pais, as personificações do olhar de Sam a Frodo no fim da guerra do Anel; Manwë e Varda a olhar por mim. Em especial ao meu pai: todos os sábios e intelectuais que se resumem numa mente só; nada disso teria se concretizado não fosse sua presença.

Aos meus irmãos, Bianca e Bruno, meus companheiros de paixão pela Terra-média.

Aos meus *sui generis*: Aurélio Muniz, Sofia Cordeiro, Vanessa Cardoso, Caio Rodrigues e Amanda Lins, a comitiva escolhida a dedo para me acompanhar em tantas jornadas.

À minha querida professora e orientadora Amanda Braga, que foi mais do que professora e orientadora: a Galadriel que tive a sorte de encontrar na vida real.

Às professoras integrantes da banca: professora Oriana Fulaneti, que me apresentou e instigou todo o fascínio pelos estudos linguísticos e professora Edjane de Assis pela leitura, participação e contribuição.

Parafrazeando Bilbo Bolseiro "Eu não conheço metade de vocês a metade do que gostaria; e gosto de todos vocês a metade do que vocês merecem".

Ao meu pai.

"Mesmo a menor pessoa pode mudar o curso da história."

- Galadriel.

RESUMO

O presente trabalho se propôs estudar, sob a ótica da Análise do Discurso, com ênfase na teoria foucaultiana sobre as micro relações de poder, o modo como o jogo de poder *versus* resistência se apresenta nos discursos das personagens da obra de fantasia *O Hobbit*, de J.R.R. Tolkien. Explanadas as teorias e a caracterização da obra, foram selecionadas cinco categorias de personagens dentre aquelas mais relevantes no enredo, com base no critério de interação interpessoal e convívio em sociedade: magos, elfos, anões, homens e hobbits. A partir de um recorte do *corpus* em que mais se evidenciou o exercício de poder ou resistência nos discursos daquelas, observou-se de que modo os diálogos revelaram a dinâmica de dominação e sujeição - o que permitiu perceber como as hierarquias das posições de sujeito, dentro da narrativa, influenciam na produção do discurso, por meio do qual se exerce o poder; e como isso se reflete em cada uma das cinco vozes. A contribuição deste trabalho para os estudos da Análise do Discurso se deu, especialmente, por se tratar de um objeto de estudo inserido em uma esfera fantástica e, portanto, artificial. Ainda assim, nela se pôde constatar a dinâmica do jogo de poder sob o método preconizado por Foucault: em um nível molecular das relações interpessoais.

Palavras-chave: J.R.R. Tolkien. Discurso. Poder. Foucault. O Hobbit.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. O HOBBIT DE J.R.R. TOLKIEN	11
2.1. Hierarquizando as personagens	14
2.2. Um resumo	16
3. ANÁLISE DO DISCURSO	20
3.1. AD Pechêutiana: Surgimento	20
3.2. Do sujeito ao discurso: conceitos básicos	21
3.3. As três épocas da AD	24
3.4. A problemática do poder em Foucault	25
4. ENTRE TOLKIEN E FOUCAULT	30
4.1. Análise das relações de poder nos discursos das personagens d'O Hobbit	30
4.1.1. A dominação do mago e a sujeição do hobbit	31
4.1.2. O mago e os anões	32
4.1.3. O mago e os elfos	33
4.1.4. O jogo de poder entre anões e hobbit	34
4.1.5. A tensão entre elfos e anões	35
4.1.6. Sujeição e resistência dos homens	36
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42
ANEXOS	44

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido sobre o alicerce teórico da Análise do Discurso, a fim de analisar a obra de fantasia *O Hobbit*, de J.R.R. Tolkien. Sob o prisma da microfísica do poder de Michel Foucault, propôs-se analisar os discursos das personagens tolkienianas, observando como acontece a dinâmica do poder e da resistência nas relações interpessoais dos sujeitos: "'Como" não no sentido de "Como se manifesta?", mas "Como se exerce?", "Como acontece quando os indivíduos exercem, como se diz, seu poder sobre os outros?" (FOUCAULT, 1995, p. 240), considerando-se a questão diferenciadora de se estudar discursos de um universo mitológico.

A escolha da obra decorreu, sobretudo, a partir de leituras prévias do livro, concomitante ao estudo em Análise do Discurso, que fomentaram o questionamento da existência de relações de poder nesses discursos fictícios e como se exercem, caracterizados por personagens que ocupam diferentes posições de sujeito, inseridos em uma sociedade bem delineada, tipificada e descrita em detalhes, que aproximam o universo fantástico tolkieniano ao de uma sociedade real.

A fim de viabilizar um entendimento geral e panorâmico da obra a ser analisada, no primeiro capítulo se apresenta um preâmbulo sobre o autor e uma breve caracterização das personagens e suas categorias dentro da narrativa, seguidos de um resumo da história em si. Em seguida, apresenta-se a base teórica que dá origem aos conceitos aplicados no decurso da análise, bem como suas fases de elaboração: a Análise do Discurso pecheutiana e suas formulações e a problemática do poder em Foucault - momento em que se fundamenta a noção de poder e resistência dentro das micro relações sociais. Logo após, trabalha-se com os discursos das personagens do livro supracitado, a partir de diálogos destacados como tendo maior relevância e possibilidade de um desdobramento claro durante a análise.

O desenvolvimento das análises apresentou um recorte no *corpus* subdividindo as personagens em cinco categorias de maior atuação no contexto social, possibilitando uma visão mais clara da importância da dinâmica entre poder e resistência em seus discursos, representada nos diálogos que intercorrem no enredo.

Finaliza-se com as considerações sobre o que foi observado e apreendido desse estudo, ressaltando sua pertinência para o campo da Análise do Discurso.

2. O HOBBIT DE J.R.R. TOLKIEN

John Ronald Reuel Tolkien (03 de janeiro de 1892 – 02 de setembro de 1973) foi filólogo, escritor, poeta e doutor em língua e literatura inglesa. Atuou como professor na Universidade de Oxford (1925-1959), na Inglaterra, tornando-se conhecido especialmente pelas obras literárias *O Senhor dos Anéis* e *O Hobbit*.

Lançada em 1937 pela editora britânica *George Allen & Unwin Ltd.* sob o título *The Hobbit*, a obra recebeu sua primeira edição traduzida no Brasil pela Martins Fontes, em 1995. A edição analisada nesta pesquisa foi publicada em 1999 (2ª tiragem da 2ª edição), traduzida da 4ª edição inglesa, publicada em 1991, já em acordo com a editora também britânica, *Harper Collins Publishers Ltd.* O livro conta com 299 páginas, divididas em 19 capítulos, além de 15 ilustrações.

O surgimento dessa fantasia se deu no início da década de 30, a partir de histórias orais que Tolkien contava aos seus filhos – concomitantemente ao momento em que as escrevia – a fim unicamente de entretê-los, razão pela qual inicialmente não tinha intenção de publicar o livro. Por consequência, a narrativa assume um teor infanto-juvenil à primeira vista, como sugere o escritor C. S. Lewis (1937) em sua crítica publicada logo após o lançamento d' *O Hobbit*:

For it must be understood that this is a children's book only in the sense that the first of many readings can be undertaken in the nursery. Alice is read gravely by children and with laughter by grown ups; The Hobbit, on the other hand, will be funnier to its youngest readers, and only years later (...) will they begin to realise what deft scholarship and profound reflection have gone to make everything in it so ripe, so friendly, and in its own way so true. (LEWIS, 1937)¹

Em outras palavras, a história pode ser prazerosa e divertida para uma criança na mesma medida em que pode ser profunda e densa para um adulto.

O autor, então, cria um universo totalmente novo em relação ao que outros literatos da esfera fantástica já haviam explanado na época, pois "(...) no common recipe for children's stories will give you creatures so rooted in their own soil and

¹ "Deve ser entendido que esse é um livro para crianças somente no sentido de que ele pode ser lido desde a mais nova infância. Alice é lido de forma grave por crianças e como algo engraçado por adultos; O Hobbit, por outro lado, será mais engraçado para os leitores mais jovens e, apenas anos mais tarde, na décima ou décima primeira leitura, será possível perceber a profunda reflexão e estudos vigorosos que foram utilizados para que tudo fosse tão maduro e tão amigável, e de sua própria maneira tão verdadeiro". Disponível em: <<http://tolkienbrasil.com/biografia/o-hobbit-segundo-c-s-lewis/>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

history as those of Professor Tolkien—who obviously knows much more about them than he needs for this tale." (LEWIS, 1937)². Por isso, esse universo não se finda à moldura limitante do que é contado em um livro, havendo mais informações nas entrelinhas, no decorrer do enredo, do que o autor nos revela explicitamente, de modo que as situações narradas têm mais do que uma simples razão de ser/acontecer dentro da narrativa, mas são parte de uma história anterior "não contada" que permeia perceptivelmente toda a trama.

Portanto, por trás do vocabulário simples e da forma descontraída como o narrador conta a história - muitas vezes como um diálogo, evidentemente preocupado com seu público e em constante interação com ele -, a obra abarca uma complexidade maior e um universo mais amplo do que se qualifica em uma primeira leitura, considerando que, posteriormente, foi publicada uma história mais densa que precede *O Hobbit* e dá origem a todo o conflito do enredo, enquanto outra, ainda mais extensa, dá seguimento a ele.³

A minúcia explorada pelo autor em sua escrita é um ponto fundamental para começar a compreender a complexidade do que, atualmente, classifica-se como *Legendarium*⁴ de Tolkien, pois além de construir um cenário detalhado e uma ambientação que permite ao leitor sentir-se inserido em um espaço possível dentro da realidade da história, também caracteriza seus personagens de maneira muito específica e bem desenhada, não dando margem sequer a eventualidade de confundir os povos ali descritos. Como Lewis (1937) também ressalta, são seres que têm quase inquestionável direito de existência, assim como os do nosso próprio mundo. A esse respeito, escreve Humphrey Carpenter (1992) - biógrafo inglês que escreveu a biografia oficial de Tolkien - após o autor explicar-lhe que recebeu uma carta de um leitor sobre determinada incoerência:

Ele explica tudo com riqueza de detalhes, falando sobre o livro não como uma obra de ficção, mas como uma crônica de fatos reais; parece ver-se não como um autor que cometeu um pequeno erro, que agora precisa ser corrigido ou justificado,

² "(...) nenhuma história para crianças oferece criaturas tão enraizadas em suas próprias origens e histórias do que essas criadas pelo Professor Tolkien – que obviamente conhece muito mais do que seria necessário para a criação desse conto". Disponível em: <<http://tolkienbrasil.com/biografia/o-hobbit-segundo-c-s-lewis/>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

³ O *Silmarillion* e a trilogia d'O Senhor dos Anéis, respectivamente, lançados posteriormente ao *Hobbit*.

⁴ O *Legendarium* de Tolkien refere-se a todo material registrado e publicado que abarca o universo e mitologia da Terra-média criada pelo autor.

mas sim como um historiador que precisa lançar luz sobre um trecho obscuro de um documento histórico. (CARPENTER, 1992, p. 09)

A razão disso pode ser encontrada nas diversas particularidades essencialmente significativas desenvolvidas pelo autor, capazes de arquitetar uma sociedade possível – ainda que fantástica - similar à nossa; entre elas, podemos destacar: convenções sociais que variam entre as raças dentro da história e se fundamentam em lendas e mitologias próprias desse universo; nomes próprios com base etimológica que variam de acordo com o grupo ao qual pertencem – é comum a mudança ou o acréscimo de nomes a uma personagem de acordo com experiências por ela vividas; atribuição de nome próprio a objetos que têm forte representação no contexto da obra (como armas de guerra, colares, anéis, pedras, etc); poemas e canções que retratam acontecimentos, descrevem personagens e paisagens e enaltecem a cultura dos povos; hábitos e estilos de vida típicos de cada grupo social; características físicas e vestimentas peculiares de cada povo; até mesmo a estrutura das moradias é um quesito específico de cada grupo; e, dentre esses, o mais importante: as línguas. Esses e tantos outros detalhes são explorados pelo professor para a construção de uma história bem embasada e fechada em si mesma, que pouco deixa a desejar quando se pensa em possíveis "furos" na história.

Tolkien mostrou aptidão para criação de novas palavras desde muito jovem e, no início da vida adulta, amadureceu esse interesse, tanto no estudo de diversas línguas já existentes – algumas delas já em desuso –, quanto na habilidade de criar novas línguas com gramática e fonologia próprias. Assim o autor chegou à idealização das línguas faladas na Terra-média⁵, empenhando-se não só em criar novas palavras ou adaptações de línguas antigas, mas criando também alfabetos com grafias particulares, o que possibilitou o aprendizado e a aplicação dessas línguas em diálogos reais. Publicou seus estudos em diversos periódicos e livros, os quais, atualmente, são muito usados para compreender o processo de criação de língua artificial e, para os mais afeiçoados ao *Legendarium*, utilizados para elaboração de cursos e apostilas de ensino dessas línguas; entre elas, as mais

⁵ Terra-média é o nome do continente fictício onde se passa a história d'*O Hobbit*.

conhecidas são o *quenya* e o *sindarin* e os alfabetos *tengwar* e *angerthas*, mas existem outras como *telerin*, *valarin*, *westron*, *adûnaico*, *orkish*, *entês*, etc; cada uma delas com características particulares que refletem o povo que a usa.

2.1. Hierarquizando as personagens

Todas as obras literárias que fazem parte do *Legendarium* de J.R.R. Tolkien têm basicamente os mesmos grupos que compõem a sociedade da Terra-média. Há, no entanto, os que destoam destes e, quando aparecem no enredo, geralmente são criaturas muito antigas e já com poucos de sua estirpe. Aqueles que estão em constante convívio social correspondem a elfos, anões, magos, hobbits e homens. Estas são as cinco raças mais relevantes no que diz respeito à interação social e à construção de relacionamentos, razão pela qual foram selecionadas para compor a análise deste trabalho. Mas outras espécies, menos sociáveis, desempenham funções também importantes para o desenrolar das tramas, tais como os *ents* – pastores de árvores; as águias gigantes – descendentes das grandes águias dos Dias Antigos⁶; os *orcs*, *goblins*, *balrogs*, *wargs*, dragões, aranhas gigantes e *trolls* – criaturas malignas, algumas servidoras de Sauron, o senhor do escuro e outras sem mestres, descendentes também de seres maiores e mais poderosos de Eras passadas; os *Ainur/Valar* e os *Maiar* - seres angelicais e poderosos que participaram da formação do mundo; entre outros.

Podemos classificar as cinco raças supracitadas em categorias parcialmente hierárquicas – como em qualquer sociedade, as hierarquias são relativas na medida em que dependem das condições de cada situação, mas, em geral, tendem a ser mais estáveis do que oscilantes:

- **Os magos**

Estão no topo da hierarquia, pois são de uma classe denominada *Istari*, que, por sua vez, inclui-se na classe dos *Maiar*. Podemos dizer, em termos simplórios, que seriam equivalentes a "servos de anjos". Portanto, os magos representam o mais alto posto de sabedoria e respeito, embora nem sempre sejam reconhecidos dessa forma por todos os povos. É comum terem aparência de anciãos, usam

⁶ O termo "Dias Antigos" faz referência à história d'O *Silmarillion*, na qual conta-se a origem do Mundo-médio e suas primeiras Eras.

cajados e túnicas. Deles existem apenas cinco, no entanto, não se fala do paradeiro de dois, os Magos Azuis. Gandalf, O Cinzento e Saruman, O Branco são os principais de sua ordem e participam ativamente dos acontecimentos da Terra-média. Radagast, O Castanho é menos participante nos conflitos e decisões dos magos, de certa forma menos poderoso, mas ainda exerce uma função importante no decorrer do enredo d'*O Hobbit*. Conhecem e falam quase todas as línguas de Arda, na medida em que lhes foi permitido o acesso a elas, mas preferem o *sindarin* - língua élfica mais comum e o *westron* – a língua geral.

- **Os elfos**

São chamados "Primogênitos", pois foram os primeiros seres criados por Eru (que equivale ao Deus tolkieniano) para habitarem a Arda⁷. São imortais e têm dons e saberes que mortais não são capazes de desenvolver; são respeitados e reverenciados por sua sabedoria, sua arte, cultura e aparência - por vezes até temidos por sua grandeza, por isso tendem a ser orgulhosos. Entre eles, têm suas linhagens e castas, que também dispõem de níveis hierárquicos e de nobreza, mas sempre são mais graciosos e soberanos em relação a qualquer mortal. Apreciam a música e a poesia, são altos, seus corpos são leves e esguios, seus cabelos predominantemente lisos e longos, podendo variar entre loiro ou negro e seus olhos comumente acinzentados. Falam com mais frequência o *sindarin*, mas são conhecedores de muitas línguas e runas. O *westron* usam apenas com forasteiros e os elfos mais antigos têm preferência pelo *quenya*, conhecido como o Alto-élfico, uma língua antiga e mais sofisticada.

- **Os Anões**

São os terceiros na hierarquia, pois, apesar de terem sido criados por um Vala antes dos elfos, foram postos para dormir até que chegasse o momento de os primogênitos surgirem. São muito fortes, resistentes, impulsivos e gananciosos; têm apreço por metais e pedras preciosos, pelas montanhas e por minas – lugar onde constroem suas moradias e nelas trabalham arduamente em busca de tesouros, conseqüentemente são os melhores artesãos entre as raças. Vivem mais que os homens e são mais orgulhosos que os elfos. E apesar dos trejeitos rudes, o corpo baixo, troncado e a tendência a longas barbas, são muito nobres e majestosos.

⁷ Arda é o nome dado ao mundo, que pode ser visto no Anexo 1.

Conhecem o *westron*, mas falam regularmente o *khuzdul*, a língua anã, e utilizam o *iglishmêk*, uma língua de sinais dos anões.

- **Os Homens**

Entre muitas denominações, são chamados Atani – segundo povo – pelos elfos. Os homens são seres mortais, aqueles que receberam a dádiva de Eru, ou seja, a finitude da vida. Assim como os elfos, foram criados por Eru, mas surgiram em Arda apenas após muitos anos da chegada dos primeiros. São geralmente mais fortes, não mais que anões, mas menos ágeis e sábios que os elfos. Sua aparência varia dependendo da casa da qual descende. Sua longevidade é curta em relação às outras raças, à exceção da linhagem dos reis, que alcançam mais anos de vida. Têm línguas diversas de acordo com os reinos, tais como o *rohirric*, o *westron*, o *adûnaico*, as línguas do Norte e as línguas de Harad e Khand, entre outras.

- **Os Hobbits**

Não se sabe exatamente como surgiram os hobbits, mas há o consenso de que descendem dos homens. Viveram por muitos anos se escondendo, fugindo, vivendo furtivamente e evitando guerras, razão pela qual, com o tempo, tornaram-se seres de uma nova raça, diminuta, acomodada, pacífica e preguiçosa - além de desconhecida, pois os demais povos pouco ou nada sabem sobre essa espécie - por isso, não muito lhes têm respeito ou admiração. Hobbits são muito pequenos, menores que os anões, têm pés grandes e cheios de pelo, não usam sapatos por terem uma sola naturalmente espessa, seus cabelos são cacheados e tendem a acumular gordura na barriga. São desconfiados, prezam pelo conforto, pela boa comida, por festas e produzem o melhor fumo da Terra-média. Suas casas normalmente são construídas em colinas, as portas são redondas e, dentro, são cheias de cômodos. A língua falada por eles é o *westron*, pois há muito se perdeu o costume de usar sua língua própria, o *hobbitish*.

Muitas informações estão disponíveis sobre as raças da Terra-média, que não convém ao objetivo deste trabalho explorar, mas, uma vez delineadas, é possível enfim compreender a posição de cada uma no transcorrer do enredo do livro aqui proposto.

2.2. Um resumo

Bilbo Bolseiro é um hobbit que, como todos os de sua raça, preza pelo conforto e pela paz de uma vida sem surpresas ou aventuras; vive à noroeste⁸ da Terra-média, em um lugar chamado Condado, quase isolado dos acontecimentos das terras do leste e do sul. Em uma tarde comumente tranquila, recebe a visita de Gandalf, um velho mago, que lhe propõe participar de uma jornada ao lado de 13 anões em busca de recuperar a posse de seu antigo lar, a Montanha Solitária.

Muitos anos antes, Smaug, o último dragão descendente dos Dias Antigos, invadiu a Montanha dos anões que outrora ali viveram, expulsou-os a fogo e apoderou-se de toda a vasta riqueza do rei Thrór. Os poucos sobreviventes foram forçados a se afastarem dali, vagando por anos a esmo e estabelecendo-se em outras terras. Foi então que Thorin, neto de Thrór, decidiu juntar alguns dos que mais confiava da sua raça e reconquistar o trono sobre o qual Smaug dormia. Assim encontram Gandalf – cuja sabedoria é por muitos conhecida – e aceitam seu conselho de acrescentar um último membro à expedição, que deve ser furtiva e silenciosa: um hobbit; pois é comum aos hobbits ter passos leves, serem discretos e sutis, fazendo-se quase imperceptíveis quando assim o desejam. Incumbem ao Mago a missão de encontrar o pequeno, e assim ele o faz.

A princípio, Bilbo recusa qualquer envolvimento com situações que lhe tirem do conforto de sua colina. No entanto, pouco após a passagem do mago, recebe inesperadamente a visita dos anões, que lhe endossam a oferta durante um jantar cheio de questionamentos e reclamações, propondo-lhe a recompensa de 1/14 da riqueza conservada sob a Montanha. Ainda relutante, Bilbo causa nos anões insegurança sobre sua capacidade de acompanhá-los, todos confiando apenas na garantia de Gandalf de que o hobbit tem muito mais potencial do que aparenta. Assim, repentinamente e sem saber o motivo, o pequeno decide entrar para a companhia, sendo-lhe designada a função de ladrão.

Inicia-se a aventura da comitiva contando com 14 integrantes, guiados por Gandalf, que os acompanha durante apenas parte da jornada: Thorin Escudo de Carvalho, Balin, Dwalin, Fili, Kili, Dori, Nori, Ori, Óin, Glóin, Bifur, Bofur, Bombur e, finalmente, Bilbo. Este, passa grande parte da viagem escutando chacotas sobre si,

⁸ Vide anexo 2.

precisando constantemente provar o seu valor diante dos anões, enquanto o mago procura amenizar as relações entre o grupo.

O percurso à Montanha Solitária é longo e repleto de incidentes e perigos; no caminho, o grupo se depara com diversos seres malignos, alguns descendentes de seres maiores e mais obscuros dos Dias Antigos, tais como o dragão Smaug, trolls, orcs, wargs e aranhas gigantes, assim como obtêm ajuda de seres como elfos, águias gigantes, homens e um *skin-changer*⁹, Beorn, um homem capaz de se transformar em urso e se comunicar com animais. Dirigem-se primeiramente à Valfenda, morada élfica, onde encontram Elrond, o meio-elfo, que lhes oferece ajuda na leitura do mapa¹⁰ de Thorin, um tanto a contragosto dos anões - pois há uma rivalidade muito antiga entre os dois povos, além de os anões não estarem dispostos a divulgar sua expedição, pelo receio de seres indesejados tentarem saquear a riqueza que Smaug mantém, no caso de a missão ser bem-sucedida e o dragão acabar morto.

Seguem um trajeto arriscado pelas montanhas, onde são capturados por orcs e onde Bilbo, após se perder do grupo em fuga, encontra um anel de poder no coração da montanha, capaz de transportá-lo para um mundo espectral, deixando-o invisível para o "mundo real". E por ação do anel, o hobbit consegue escapar vivo e reencontrar os anões, salvos por Gandalf. Entre os acontecimentos e as pequenas batalhas vencidas a duras penas, a comitiva se torna mais unida, atribuindo melhor juízo ao pequeno e dando-lhe mais voz para traçar planos, especialmente quando o mago parte e os deixa a mercê de sua própria sorte.

Finalmente, ao chegar à Montanha e desvendar o enigma do mapa, o grupo se empenha em elaborar uma estratégia para entrar sem ser notado: Bilbo é designado a descer até o salão onde Smaug dorme, a fim de analisar a situação, e acaba em um diálogo com o grande lagarto, confundindo-o através de trocadilhos espertos e irritando-o por não reconhecer o cheiro da espécie do hobbit. O dragão sai da Montanha decidido a encontrar o sujeito que teve a audácia de invadir seu espaço sem que ele percebesse, resultando num ataque feroz à Cidade do Lago, Esgaroth – habitação mais próxima à Montanha, que acolheu e ajudou os 14

⁹ *Skin-changer*, em tradução livre, seria trocador de pele, equivalente a um transmorfo: um ser humano que pode se transformar em um animal.

¹⁰ Vide anexo 3.

integrantes da comitiva –, destruindo-a com chamas. No entanto, um homem chamado Bard, o capitão da cidade, num último ato de coragem, arremessa uma flecha negra contra Smaug e perfura o ponto mais frágil da sua grossa escama, conseguindo finalmente abatê-lo.

A notícia da morte do dragão se espalha rapidamente entre os povos, muitos se perguntam se os anões sobreviveram ao ataque; a ganância pela riqueza toma seus corações; elfos, homens e orcs se dirigem à Montanha Solitária, a fim de reclamar a fortuna. Ao tomar conhecimento disso, Thorin e seus companheiros levantam rapidamente um muro de pedras para impedir qualquer ataque enquanto seus parentes chegam com apoio. Dessa forma, a guerra se estabelece; Bilbo tenta executar um plano, para amenizar a situação, mas antes do resultado, os orcs chegam e a batalha é travada: o objetivo de elfos, anões e homens agora é lutar contra os orcs, motivo pelo qual todos se unem e conquistam a vitória - não sem muitas perdas. Nessa guerra, Thorin Escudo de Carvalho, rei sob a montanha, é derrubado.

O fim da guerra traz também esclarecimento e justiça. Àqueles a quem foi prometida alguma parte da riqueza, são pagos. Aos poucos, Esgaroth é reconstruída, assim como a Cidade de Valle – antiga cidade, outrora abandonada, que permeia as raízes da Montanha Solitária. Bilbo, enfim, pode voltar para sua casa na colina. Aceita uma quantidade muito inferior da recompensa que lhe foi prometida, mas, ainda assim, torna-se conhecido – e desaprovado – no Condado pela sua riqueza, suas histórias mirabolantes e seus "hábitos estranhos" de sair em aventuras e receber convidados estrangeiros.

3. ANÁLISE DO DISCURSO

3.1. AD Pechêutiana: Surgimento

Os estudos referentes à linguagem humana vêm se somando no decorrer de muitos séculos, possibilitando uma visão histórica, cultural e social bem mais ampla para os estudiosos atuais. A construção das teorias que abordam especificamente a língua, por certo tempo, deu-se com o enfoque apenas em sua estrutura e forma – a esse conjunto de ideias, que partiu do estudioso suíço Ferdinand de Saussure, no século XIX, denominou-se Estruturalismo linguístico. Com o passar do tempo, distintas vertentes de estudo foram se estabelecendo e outros enfoques foram ganhando maior visibilidade. Nesse contexto, a Análise do Discurso (AD) surge na metade do século XX, com uma abordagem diferenciada do que propunham os teóricos formalistas – ao invés de estudar a língua enquanto forma e sistema, passou-se a uma perspectiva de observação da mesma como a materialidade do discurso, na qual se refletem as condições em que o sujeito está inserido, ou seja, seu local de fala histórico e social.

O pontapé inicial dessa abordagem adveio de um período de movimentos sociais intensos na França, que resultou em grandes revoluções. A década de 1960 foi um marco no que diz respeito a resistências e objeções a autoridades e governos ao redor de todo o mundo. A busca - a princípio de estudantes - por liberdade e direitos foi a incentivadora essencial nesse ínterim de manifestações, que se intensificavam com a adesão da população. Especialmente na França, em maio de 1968, estudantes das universidades de Nanterre e Sorbonne desencadearam marchas de reivindicação, sobretudo pelo fim de um sistema educacional rígido. Assim, a classe trabalhadora se uniu e agregou forças, adicionando suas próprias reivindicações ao movimento, resultando em uma insatisfação política geral da população.

A questão política foi um ponto primordial para o surgimento da AD, uma vez que foi concebida nesse meio revolucionário – como diz Ferreira (2005, p. 40): “(...) nasce, assim, na perspectiva de uma intervenção, de uma ação transformadora, que visa combater o excessivo formalismo linguístico então vigente (...)”, ou seja, esse caráter transformador das revoltas também repercutiu nas ciências linguísticas.

Nesse cenário, o pesquisador Michel Pêcheux notou que a língua produz sentido a partir de suas condições históricas de produção – levando em conta o sujeito que dela faz uso e a ideologia que o atravessa – e desenvolveu um método de análise capaz de observar a língua em funcionamento, em detrimento do funcionamento da língua; isto é, observar o mecanismo de produção de sentido ao invés do sistema fechado e transparente proposto pelo estruturalismo.

A rigor, o que a AD faz de mais corrosivo é abrir um campo de questões no interior da própria lingüística, operando um sensível deslocamento de terreno na área, sobretudo nos conceitos de língua, historicidade e sujeito, deixados à margem pelas correntes em voga na época. (FERREIRA, 2005, p. 40)

Saussure, em sua perspectiva linguística estrutural, dicotomiza o social e o histórico quando o faz com a fala e a língua. Para ele, a língua é um fato social, mas não se considera a historicidade ou o sujeito usuário da língua. A fala, nessa perspectiva, é um ato individual, um acessório que não se associa ao que se entende pelo uso social da língua. À vista disso, Pêcheux vai em busca de uma teoria do sujeito (na psicanálise) e de uma teoria da história (o materialismo histórico) para compor o seu método de análise:

A AD caracteriza-se, como se vê, desde o seu início, por um viés de ruptura a toda uma conjuntura política e epistemológica e pela necessidade de articulação a outras áreas das ciências humanas, especialmente a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise. (FERREIRA, 2005, p. 41)

A Análise do Discurso, então, passa a ser considerada uma disciplina de entremeio, conforme Ferreira (2005), por dialogar com mais de um campo das Ciências Humanas e constituir-se de três grandes pilares de conhecimento: o linguístico (na releitura de Saussure pelo próprio Pêcheux), o psicanalítico (na releitura de Freud por Lacan), e o histórico (na releitura de Marx por Althusser). Com base principalmente nessas áreas, Pêcheux buscou relacionar a língua, o sujeito e a história, respectivamente, como sendo constitutivos do discurso.

3.2. Do sujeito ao discurso: conceitos básicos

Primeiramente, é necessário ressaltar que o objeto de estudo da AD “não é a língua, nem texto, nem a fala, mas necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material” (FERNANDES, 2007, p. 12), o que significa dizer que o

discurso se constitui de um exterior à língua, mas precisa da linguagem para se materializar. Esse exterior, assim entendido como as condições de produção: o que é dito, por quem, por quê, quando e como, pode ser um contexto imediato – em que circunstâncias um determinado discurso foi materializado – ou em um sentido mais amplo: sócio-histórico, ideológico (ORLANDI, 2015, p. 30). Portanto, se a língua é a materialização do discurso, este, por sua vez, é a materialização de uma ideologia.

Isto posto, podemos compreender a noção de efeitos de sentidos proposta por Pêcheux, conforme destaca Fernandes (2007):

Quando nos referimos à produção de sentidos, dizemos que no discurso os sentidos das palavras não são fixos, não são imanentes, conforme, geralmente, atestam os dicionários. Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. Assim, uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioideológico daqueles que a empregam. (FERNANDES, 2007, p. 14)

Dessa forma, a AD sugere que a língua é opaca, turva, pois as palavras não têm em si significados fechados e imutáveis, mas estão em constante transformação e renovação, assumindo uma pluralidade do que se denomina efeitos de sentidos, pois dependem das condições em que um discurso é produzido. Isto “significa que a língua é um sistema passível de falhas e por essas falhas, por essas brechas, os sentidos se permitem deslizar, ficar à deriva” (FERREIRA, 2005, p. 18).

Pêcheux também instaurou na AD o conceito de “dupla determinação do sujeito – de ordem da interioridade (o inconsciente) e da exterioridade (a ideologia)” (FERREIRA, 2005, p.19). No entanto, não se trata de um **sujeito** com uma existência particular no mundo, individualizado, mas de um sujeito discursivo, coletivo, de existência social e ideológica, com uma voz que reflete um lugar dentro da sociedade e da História (FERNANDES, 2007). Consequência da primeira crítica de Pêcheux ao estruturalismo – a exclusão do sujeito, com base na releitura de Lacan da psicanálise freudiana, a AD toma o inconsciente como atuante na linguagem:

(...) são manifestações de natureza psíquica do/no sujeito, que fogem ao âmbito de sua consciência, que não se manifestam de acordo com sua vontade, mas afloram nos sonhos, nos atos falhos, nos lapsos, etc. Assim, o inconsciente, como escape ao controle do sujeito e estruturado em forma de linguagem,

conforme assevera Lacan, dá espaço à manifestação do desejo. (FERNANDES, 2007, p. 28)

O sujeito, então, não tem poder sobre o **inconsciente**, e este, conseqüentemente, atua sobre aquele, manifestando-se por meio da linguagem, haja vista os chistes, atos falhos, lapsos de língua etc. O inconsciente, sendo o real do sujeito, revela-se para além de seu domínio, pelo desejo, "a busca da completude [do dizer], a tentativa incessante de fechar os furos em nossa estrutura psíquica" (FERREIRA, 2005, p. 19), razão pela qual a própria produção de sentidos acontece fora do controle do sujeito e fora de seu alcance (FERNANDES, 2007, p. 28).

Pêcheux muito foi influenciado pelos estudos de Louis Althusser e por sua releitura de Marx. Decorrente da segunda crítica que faz ao estruturalismo – a exclusão da história, traz à AD “o legado do materialismo histórico, isto é, o de que há um real da história de tal forma que o homem faz história mas esta também não lhe é transparente” (ORLANDI, 2015, p. 19), assim como a linguagem não o é:

A linguagem se colocava, para Louis Althusser, como via por meio da qual é possível depreender o funcionamento da ideologia. Partindo do pressuposto de que as ideologias têm existência material, elas passam a ser estudadas não mais como ideias, mas como um conjunto de práticas materiais que reproduzem as relações de produção. Trata-se do materialismo histórico: um importante pilar epistemológico sobre o qual se erigirá a Análise do Discurso. (MAZZOLA, 2010, p. 25)

Entende-se, enfim, que a **ideologia** se materializa por meio do discurso, que se materializa por meio da linguagem. Portanto, pode-se afirmar que não é o sujeito que fala, mas a ideologia que "fala" por ele e, sendo assim, as escolhas lexicais não são gratuitas ou ocasionais, mas desvelam o assujeitamento do sujeito pela ideologia, além de ser igualmente assujeitado pelo inconsciente, e deles o sujeito não se pode dissociar.

Pêcheux estabelece na AD a existência de dois tipos de **esquecimentos** - involuntários - que constituem os sujeitos: um deles é o esquecimento enunciativo, que "nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, de tal modo que pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras, que só pode ser assim" (ORLANDI, 2015, p. 35), isso implica a crença do sujeito de que o outro sempre entenderá o que foi dito, afinal, não existiria outra forma de dizer senão uma determinada – isto é, há uma ilusão de

controle dos sentidos. O outro esquecimento é o ideológico, por ele "temos a ilusão de ser origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existentes" (ORLANDI, 2015, p. 35) - significa dizer que há também a ilusão do sujeito de ser origem e dono do seu dizer, no entanto, os sentidos "são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isto que significam e não pela nossa vontade" (ORLANDI, 2015, p. 35). Em suma, esquece-se o que já foi dito por outrem, para que as palavras sejam ressignificadas e para que, apesar de serem sempre as mesmas, sejam outras, com novos efeitos de sentido. A esse fenômeno denomina-se **memória discursiva**: retoma-se uma mesma materialidade, mas que é singular em cada condição de produção: tratar-se-ia da existência histórica dos enunciados (COURTINE, 2009).

3.3. As três épocas da AD

A AD, vale ressaltar, teve três grandes fases de elaboração e construção dos conceitos aplicados atualmente. No primeiro momento, chamado de **AD1** (1969 a 1975), o foco de análise eram os discursos políticos - constituídos de um *corpus* estruturalmente fechado e homogêneo. Pensou-se, então, em uma **Máquina discursiva** - a qual, supunha-se, a princípio, os sujeitos serem assujeitados:

A maquinaria existente na vida social, produzia sentidos sob a forma de paráfrase, e os faziam ser repetidos, de forma que os sujeitos eram assujeitados a essas máquinas. Essa fase se caracteriza por apresentar um método que atua por etapas sobre um corpus fechado de sequências discursivas. Utiliza-se aqui uma álgebra discursiva, que permite construir formalmente a estrutura geradora do processo associado ao corpus. (MAZZOLA, 2010, p. 28)

No entanto, este método automotor de análise do discurso pouco se mostrava produtivo, pois se limitava à concepção althusseriana de um "sujeito atravessado pela ideologia e pelo inconsciente" (MAZZOLA, 2010, p. 30), razão pela qual, na segunda fase da AD (**AD2** - 1975 a 1980), Pêcheux "empresta" o termo foucaultiano de **Formação Discursiva** (FD), que se fundamenta na relação entre elementos intradiscursivos e interdiscursivos.

Esse período é marcado por duas incorporações: a) do conceito de aparelhos ideológicos de estado, de Althusser; b) da releitura da noção de formação discursiva, de Foucault, no

interior da teoria althusseriana das lutas de classe. (MAZZOLA, 2010, p. 31)

Considera-se que uma **Formação Ideológica** determina uma FD, sendo essa pautada em regras e em uma ordem que orienta o que pode e deve ser dito nas posições do sujeito dentro da sociedade. Logo, as posições de sujeito têm formações ideológicas, que, por sua vez, têm uma base econômica (que indica classe social). Assim, nesse momento, entende-se que o que possibilita a construção dos discursos é o **interdiscurso** – o “já-lá” ou “já-dito” – aquilo que o sujeito já sabe (e inconscientemente “esquece”) para ser capaz de compreender e produzir dizeres, ou seja, são todos os discursos que constituem o sujeito. Por isso, toda FD é histórica e significa daquela maneira apenas no momento específico da enunciação (ainda que retomando e sendo perpassada por outros dizeres). O **intradiscurso**, nessa conjuntura, é a materialização de uma das possibilidades oferecidas pelo interdiscurso: o que efetivamente é dito.

É nessa linha de compreensão do discurso que se rompe com a noção de Máquina discursiva, na **AD3** (a partir do início da década de 1980). Nesta fase, após a morte de Pêcheux, outros nomes passam a somar (re)formulações à AD, como Foucault, Bakhtin e J. Authier-Revuz. “Tem-se um sujeito, agora, dividido, clivado e heterogêneo; o **outro**, o desconhecido e o inconsciente passam a fazer parte de sua identidade, através de uma primazia sobre o **mesmo**” (MAZZOLA, 2010, p. 32). É a partir desse momento que a AD passa a se preocupar com os discursos que se materializam não apenas na língua, mas nas linguagens de modo geral – nas imagens, nos sons, nos gestos – incorporando, assim, outras materialidades do discurso, para além da materialidade verbal.

3.4. A problemática do poder em Foucault

Assim como Pêcheux, Michel Foucault também aborda a questão do sujeito discursivo. Na sua produção científica, podemos identificar três fases bem caracterizadas, que são: a arqueológica (arqueologia do saber), a genealógica (relações de poder) e a da ética (técnicas de si). Para efeito de aplicação na Análise do Discurso, metodologia básica desta monografia, a segunda fase é a que se pretende olhar mais profundamente.

Os estudos de Foucault englobam vários temas ligados ao conceito de poder nas relações entre indivíduos e instituições. Suas análises destacam a importância do poder no contexto jurídico e nas relações interpessoais. Como ele observa, “nas sociedades ocidentais, desde a Idade Média, a elaboração do pensamento jurídico se fez essencialmente em torno do poder real. [...] o personagem central de todo o edifício jurídico ocidental é o rei” (FOUCAULT, 2006, p. 180). Nesse cenário, o poder, enquanto instância institucionalizada, tem sua centralidade na figura do monarca, ou seja, ele emana de forma localizada e concreta de uma fonte única. Tal poder atrela a si relações de dominação que atuarão sobre a produção dos discursos jurídicos – o rei manda por direito e o súdito obedece por obrigação (BRAGA, 2008, p. 31). Ao mesmo tempo, Foucault entende que o poder se expressa também de forma individual, nas relações pessoais. O corpo social é constituído por relações de poder múltiplas e indissociáveis do discurso nele circulante (FOUCAULT, 2006, p. 179).

Para o autor, o discurso está associado à vontade pela verdade. Essa vontade é historicamente determinada, ou seja, não existe uma verdade atemporal e absoluta. Ao contrário, a verdade é uma construção e faz parte de uma ordem que se apoia em instituições (aparelhos ideológicos) e se adapta à sociedade e à cultura que a vivenciam. O poder é a autoridade que impõe a verdade sobre a sociedade e define sua produção. Dessa forma, o entendimento do discurso permite que se conheçam as relações de poder que circulam socialmente.

Foucault propõe, então, dois modos de se analisar as relações de poder. Um deles é o das considerações sobre o sistema de leis, regras e aparelhos institucionais, que se mostram impróprias por associar relações de dominação a técnicas de sujeição, levando os indivíduos a uma obediência fiel a um poder unilateral (BRAGA, 2008). O outro modo de análise foca no fato da dominação, presente no núcleo do discurso do direito, substituindo a soberania e a obediência pelas múltiplas formas de dominação - o poder de forma pulverizada na sociedade. Foucault afirma, assim:

Por dominação eu não entendo o fato de uma dominação global de um sobre os outros, ou de um grupo sobre outro, mas as múltiplas formas de dominação que podem se exercer na sociedade. (FOUCAULT, 2006, p. 181).

Como Foucault entende o direito como um procedimento de sujeição, sustentado na relação soberania x obediência, seu interesse se volta para a relação da dominação x sujeição. Mas, esse olhar de análise exige algumas precauções metodológicas. Uma delas é que tal relação precisa ser entendida em sua questão “espacial”, pois foge das formas regulamentares e legítimas do poder (seu centro) e se instala nas suas extremidades menos jurídicas, via de regra, utilizando-se da violência física ou psicológica (FOUCAULT, 2006, p. 182).

Outra precaução metodológica de Foucault recai sobre a necessidade de olhar além da intenção de quem tem o poder, procurando enxergar suas faces externas, com suas práticas reais, aplicadas sobre seu objeto e como se desenvolve o processo de sujeição dos corpos, gestos e comportamentos. Captar na essência a “instância material da sujeição enquanto constituição dos sujeitos” (FOUCAULT, 2006, p. 182-183), pelos efeitos de poder.

A terceira precaução é que o poder não é uma posse, mas um exercício, acontece em movimento e dinamismo. Não está nas mãos de alguns como bem ou riqueza, “nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação” (FOUCAULT, 2006, p. 183). Ou seja, o poder perpassa o indivíduo e o constitui, tornando-o seu agente condutor.

Foucault também se preocupa em evitar um olhar analítico sobre o poder que o perscrute de cima para baixo. Ao contrário, segundo o autor, seria preciso enxergá-lo de forma ascendente, identificando o caminho de formação geral dos mecanismos globais de dominação a partir dos elementos mais básicos, que se associam e são incorporados por níveis cada vez mais abrangentes de poder (FOUCAULT, 2006, p. 184).

Por fim, Foucault destaca a importância de não atribuir uma ação ideológica nas bases das relações interpessoais de poder, mas, sim, um processo de produção de saber que circula e se manifesta nas ações e coisas práticas da vida. Assim, “[...] o poder, para exercer-se nestes mecanismos sutis, é obrigado a formar, organizar e pôr em circulação um saber, ou melhor, aparelhos de saber que não são construções ideológicas” (FOUCAULT, 2006, p. 186).

Nesta última precaução, podemos ver a oposição entre o conceito de sujeito proposto por Foucault, que é aquele que pode resistir ao poder, não preso a uma ideologia em suas relações de poder, e a de Pêcheux, para quem o sujeito é assujeitado pela ideologia e por ela constituído.

Em linhas gerais, Foucault faz uma crítica ao marxismo explicando suas ideias a partir da noção que tem do poder. Enquanto Marx percebe este como algo estritamente negativo – um meio de reprimir/oprimir, excluir e censurar, de forma que o poder está sempre centralizado no Estado – que dissemina suas ideologias por meio de aparelhos ideológicos, “de cima para baixo”, Foucault desconstruirá parte dessa concepção: reconhece a parte das instituições na difusão e imposição de ideias, mas acrescenta que o poder está em todas as relações entre os sujeitos dentro da sociedade, isto é, ele perpassa todo o corpo social, em níveis e formas diferentes – por isso, existe poder para além do Estado.

Foucault considera a existência de uma positividade do poder, contradizendo a negatividade de Marx: ele pode gerar bons resultados para uma sociedade melhor e mais organizada. Não significa dizer que os aparelhos ideológicos visam o bem-estar da população, senão o próprio lucro, mas, ainda assim, faz com que o corpo social caminhe para certa harmonia. Essa relação do poder com o corpo, seja social seja individual, acontece através do adestramento e da normatização de comportamentos – em outras palavras, aprimora a sociedade no sentido de “adequar” as pessoas em suas vestimentas, modo de falar, de se portar, até mesmo de se mover, resultando em atitudes mais “dóceis” e menos resistentes. Tratar-se-ia, aqui, do que Foucault denominou como sendo um poder disciplinar, isto é, um poder que incide sobre os corpos (FOUCAULT, 2013).

Além disso, importa ressaltar que as instituições se apropriam de inúmeros saberes para embasar e legitimar os poderes que exercem sobre a sociedade, como campanhas de prevenção, de saúde, de transporte; as chamadas da moda sobre a estética; a imposição do uso da norma padrão da língua para se encaixar devidamente em determinados ambientes; as proibições em ambientes públicos; e assim continua por muitos campos sociais, tudo isso partindo de saberes capazes de convencer a população a agir e pensar da forma imposta, sem questionar ou

resistir. Tratar-se-ia, aqui, por seu turno, do que Foucault denominou como sendo um biopoder, isto é, um poder sobre a vida dos sujeitos (FOUCAULT, 2010).

4. ENTRE TOLKIEN E FOUCAULT

Dado que as relações de poder estão presentes em todo e qualquer discurso, em múltiplos níveis e proporções, o critério de recorte dos enunciados a serem analisados neste trabalho se deu a partir dos diálogos em que mais se evidenciou o jogo de poder *versus* resistência. Assumiu-se, assim, o conceito de sujeito foucaultiano: aquele não assujeitado a uma ideologia, mas que, ao mesmo tempo em que pode resistir aos poderes que lhe são aplicados, também pode exercê-los.

As personagens envolvidas nestas análises foram escolhidas em meio a uma diversidade de raças, com base no critério de sociabilidade e interação interpessoal entre elas, no sentido das relações construídas e dos diálogos estabelecidos. Tais personagens possuem características e costumes próprios, convivendo com outros seres diferentes de seu próprio grupo étnico e social, o que permite a observação de discursos capazes de representar toda uma coletividade. Assim sendo, as categorias recortadas para fins de análise foram: os magos, os elfos, os anões, os homens e os hobbits.

4.1. Análise das relações de poder nos discursos das personagens d' *O Hobbit*

No enredo, o narrador apresenta inicialmente o modo como ocorreu a aproximação entre o mago (Gandalf), o hobbit (Bilbo) e os 13 anões. Em um encontro casual com Gandalf, e conhecedores de sua fama, os anões pedem sua ajuda para a reconquista de seu antigo reino e riqueza, localizados na Montanha Solitária, que foram tomados há muitos anos pelo dragão Smaug, o qual mantém toda a região sob um estado permanente de temor. Sabendo que a missão seria difícil e perigosa, Gandalf sugere que, ao invés de enfrentar o dragão com um exército de anões ou com um guerreiro valente - opções muito difíceis naquele momento -, a escolha seja por uma busca silenciosa e furtiva, explorando uma fragilidade da antiga fortaleza dos anões. Assim, propõe que a comitiva adicione mais um integrante à jornada, alguém com habilidades de se mover sem ser notado, pequeno e cauteloso: um ladrão. Nesse cenário, pode-se observar o que Foucault (1995, p. 243) entende sobre o poder: “um conjunto de ações sobre ações possíveis;

ele opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos”, ou seja, uma ação que prevê a ação do outro.

4.1.1. A dominação do mago e a sujeição do hobbit

A motivação para a escolha de Bilbo como ladrão fica oculta no contexto da obra estudada, ganhando um entendimento maior quando colocada no conjunto das histórias que a precedem e sucedem no *Legendarium* de Tolkien. O Mago Cinzento, detentor de habilidades especiais próprias de sua espécie, torna-se o fio condutor das grandes estratégias durante o desenvolvimento dos eventos. Isso pode ser visto quando Gandalf justifica sua escolha e a impõe aos anões:

- Assim está bem - disse Gandalf - Não vamos mais discutir. Eu escolhi o Sr. Bolseiro e isto deve ser o suficiente para todos vocês. Se eu digo que ele é um ladrão, isso é o que ele é, ou será quando chegar a hora. Existe muito mais nele do que vocês podem imaginar, e muito mais do que ele mesmo possa ter idéia.(...) (TOLKIEN, 1999, p. 18).

Nessa fala, pode-se identificar a ideia de Foucault (2006) na qual o sujeito, em situação de dominação, não tem participação na construção da verdade sobre si mesmo, tornando-se objeto do discurso de poder que se impõe sobre ele, o que o direciona a agir em prol dos interesses daquele que exerce o poder. Para Foucault (2006, p. 180) "estamos submetidos à verdade também no sentido em que ela é lei e produz o discurso verdadeiro que decide, transmite e reproduz, ao menos em parte, efeitos de poder". Assim, contradizendo sua natureza comum de hobbit, a de ser pacato e acomodado, Bilbo expressa uma atitude de adequação à verdade estabelecida pelo mago, aceitando o desafio que lhe é proposto, como podemos apreender em sua resposta aos anões, ao ser desprezado por eles:

- Desculpem - disse ele – se, por acaso, ouvi o que vocês estavam dizendo. Não vou fingir que estou entendendo o que disseram, ou a referência que fizeram a ladrões, mas acho que estou certo em acreditar – isto é o que ele chamava “defender sua dignidade” – que acham que eu não sirvo. Eu vou lhes mostrar. [...]. Digam-me o que vocês querem que seja feito e vou tentar fazê-lo, [...]. (TOLKIEN, 1999, p.17-18).

Bilbo expressa, então, uma mudança radical na percepção de si mesmo, assumindo uma identidade diferente da que sempre o definiu, direcionando o seu desejo para atender as expectativas que outros depositavam nele. Aqui se evidencia

a proposta de que "os mecanismos de sujeição não podem ser estudados fora de sua relação com os mecanismos de exploração e dominação" (Foucault, 1995, p. 236), visto que o hobbit se submete à dominação do mago sobre sua identidade, sujeitando-se a realizar feitos para o que é conveniente para si e aos outros.

4.1.2. O mago e os anões

Já os anões, seres mais orgulhosos e altivos, desenvolvem uma relação menos submissa com o mago, que é muitas vezes confrontado por sua relação de amizade com o hobbit – uma vez que uma dinâmica de proteção se estabelece, dado que ele foi o responsável por colocar Bilbo na aventura. Esse conflito pode ser visto em um diálogo com os anões, logo após o desaparecimento de Bilbo:

- Até agora ele mais atrapalhou do que ajudou – disse um deles. – Se tivermos de voltar agora, entrar naqueles túneis abomináveis para procura-lo, então que ele se dane, é o que eu digo.

Gandalf respondeu enfurecido: - Eu o trouxe, e não trago coisas que não são de utilidade. Ou vocês me ajudam a procurá-lo, ou eu os abandono aqui, e vão ter que sair dessa confusão por si próprios. Se conseguirmos encontra-lo de novo, vocês vão me agradecer antes que tudo esteja terminado. (TOLKIEN, 1999, p. 92).

Pode-se perceber, nesse discurso, a concepção de Foucault (2006) de que não há relação de poder sem a constituição de um campo de saber, da mesma forma que todo saber constrói novas relações de poder, pois, nesse diálogo, há um exercício de poder do mago sobre os anões ao explorar uma habilidade diferenciada, para impor sua vontade por meio de um saber não acessível aos demais (uma visão privilegiada sobre o futuro e seus desdobramentos), além de convencer a comitiva a resgatar Bilbo e a sair da situação perigosa em que se encontravam.

Entre os anões, o personagem que mais se destaca em termos de autoridade e poder, por ser o herdeiro do trono da Montanha Solitária, é o príncipe Thorin, Escudo de Carvalho. Maior interessado no retorno à sua propriedade e com uma personalidade forte e dominante, sua resistência a Gandalf no jogo das relações de poder é marcante. Quando os acontecimentos estão se desencadeando

para um ápice no enredo, a sedução de Thorin por seu tesouro o conduz a uma atitude quase irracional, repreendido duramente por Gandalf:

- Pelas barbas de Durin! Queria que Gandalf estivesse aqui! Maldito seja ele por tê-lo escolhido! Que suas barbas fiquem secas! [...].

- Pare! Seu desejo foi realizado! – disse uma voz. [...] – Aqui está Gandalf! E já chega tarde, ao que parece. Se não gosta do meu Ladrão, por favor não lhe faça mal. Ponha-o no chão e escute primeiro o que ele tem a dizer!

[...]

- Você não está fazendo muito bela figura como Rei sob a Montanha – disse Gandalf. – Mas as coisas ainda podem mudar.

- Podem mesmo – disse Thorin. E tão grande era o fascínio do tesouro sobre ele que já ponderava se, com a ajuda de Dain, não conseguiria resgatar a Pedra Arken sem entregar a parte devida da recompensa. (TOLKIEN, 1999, pp. 268-269).

Nesse diálogo, embora Thorin já tenha assumido uma condição de rei entre seus pares, a posição de sujeito do mago revela o peso de seu discurso, dando-lhe maior autoridade que o próprio rei anão. Gandalf continua a reger as estratégias dos eventos em desenvolvimento, mas é confrontado pela resistência do discurso e dos posicionamentos de Thorin, que usa da ironia para reverter a situação em prol de seus interesses.

4.1.3. O mago e os elfos

Outra relação de poder que gira ao redor do mago é com os elfos, seres de grande sabedoria e autoridade. Nos diálogos construídos com Elrond e Thranduil, reis élficos de avançada idade e grande influência, os discursos apresentam-se cheios de deferência e respeito mútuo, mantendo uma zona segura de poderes sob contenção. Um exemplo interessante pode ser visto na despedida de Gandalf e Thranduil ao final da guerra pela Montanha Solitária:

- Adeus, ó, Rei Élfico! – disse Gandalf. – Que a floresta verde seja alegre, enquanto o mundo ainda é jovem! E que alegre também seja todo o seu povo!

- Adeus, ó, Gandalf! – disse o rei. – Que você sempre apareça quando for mais necessário e menos esperado! Quanto mais vezes aparecer em meus salões, mais ficarei satisfeito! (TOLKIEN, 1999, p. 285).

A forma com que o mago trata alguém que considera como um igual em poder destoa do tratamento dado aos demais seres que não ocupam posição equivalente de autoridade, ora com veemência, ora com condescendência. O tratamento oferecido ao elfos, especialmente aos reis, difere do tratamento dado a um rei anão ou humano, refletindo no discurso uma relação de poder harmônica. Para Foucault (2006), o poder está distribuído no nível molecular de seu exercício, nas relações interpessoais dos sujeitos em interação social, contudo, fica claro nas relações de poder do mago com os elfos, o campo de saber como elemento diferenciador dessa dinâmica, já que a relação de força e o sujeito precedem o saber. Da mesma forma, o conhecimento e o sujeito precedem o poder, assim como a verdade precede o sujeito.

4.1.4. O jogo de poder entre anões e hobbit

Na relação entre os anões e Bilbo, desenvolve-se uma sequência de eventos que ilustram esse jogo de poder: de uma percepção de incapacidade e fragilidade, a visão dos anões sobre o companheiro de viagem vai se transformando em admiração e respeito por sua perspicácia, iniciativa e liderança. Dois exemplos desse processo podem ser vistos a seguir:

- Você acha que ele serve? Para Gandalf está tudo bem ficar falando da ferocidade desse hobbit, mas um acesso desses numa hora de agitação seria o suficiente para acordar o dragão e todos os seus parentes, e matar a todo nós. Eu acho que o acesso pareceu mais de medo do que de agitação! Na verdade, se não fosse pelo sinal na porta, eu teria a certeza de que tinha chegado na casa errada. Assim que bati os olhos nesse sujeitinho bufando e esperneando no tapete, eu tive minhas dúvidas. Ele parece mais um dono de armazém que um ladrão! (TOLKIEN, 1999, p.17).

- Palavra de honra! – disse Thorin, quando Bilbo cochichou para que saísse e se juntasse aos amigos. – Gandalf disse a verdade, como de costume! Você é um ótimo ladrão, ao que parece, quando a ocasião se apresenta. Tenho certeza de que estaremos para sempre ao seu dispor, não importa o que aconteça depois disto. Mas o que faremos agora? (TOLKIEN, 1999, p.174).

Comparativamente, os dois momentos ilustram como a construção de um campo de saber (o hobbit que vira ladrão) altera a visão dos anões sobre Bilbo. Se, a princípio, a ignorância do hobbit o descredibilizava, o aperfeiçoamento de uma habilidade já presente em sua espécie (silêncio e furtividade) para o propósito de interesse dos anões, atribui-lhe maior valor aos olhos dos companheiros, revertendo um discurso de desprezo e desdém para um de respeito e aceitação. Nesse aspecto, “mas o que faremos agora?” evidencia no discurso de Thorin não mais o posto de liderança da comitiva, mas sujeição à voz de Bilbo, que passa a ser acatada pelos demais. Essa questão pode ser enfatizada também no diálogo que segue:

- Vamos ficar machucados e em pedaços. Vamos morrer afogados também, com certeza! – murmuraram eles. – Pensamos que você tinha algum plano sensato quando conseguiu pegar as chaves. Essa idéia é maluca!

- Muito bem! – disse Bilbo, bastante frustrado e também bastante irritado. – Voltem para as suas agradáveis celas, e eu vou trancar todos outra vez, e podem então ficar lá sentados confortavelmente pensando num plano melhor. [...] (TOLKIEN, 1999, p. 174)

Como sugere Foucault (2006), o poder transita da mesma forma que a possibilidade de resistência. No diálogo acima, apesar de os anões mais uma vez questionarem o hobbit, agora por seu plano de fuga, Bilbo assume uma postura de resistência frente à crítica que recebe, provocando assim, uma alteração na relação de poder, deslocando-a a seu favor.

4.1.5. A tensão entre elfos e anões

Diante do conflito histórico entre elfos e anões, Tolkien elabora vários diálogos centrados nessa contenda. Uma desconfiança mútua e uma agressividade recíproca percorrem as relações dos dois povos há muitos anos, com origem em período bem anterior ao do enredo, criando tensões e disputas entre eles. Quando o hobbit e os anões são aprisionados nos domínios do rei élfico Thranduil, um diálogo expondo essa fratura no relacionamento das raças se estabelece, conforme mostrado a seguir:

- Mas o que os trouxe para a floresta? – perguntou o rei furioso.

Diante dessa pergunta, Thorin fechou a boca e não disse uma palavra.

- Muito bem! – disse o rei! – Levem-no e o mantenham a salvo, até que se sinta inclinado a dizer a verdade, mesmo que espere um século. (TOLKIEN, 1999, p. 164)

Nesse discurso, podemos delinear uma oposição à microfísica de Foucault (2006), pois se desenvolve ali uma macro relação de poder, que extrapola a dinâmica interpessoal dos personagens e alcança dois grandes grupos sociais: os elfos e os anões, inimigos de longa data. O teórico explica que

Não há relação de poder onde as determinações estão saturadas - a escravidão não é uma relação de poder, pois o homem está acorrentado (trata-se então de uma relação física de coação) - mas apenas quando ele pode se deslocar e, no limite, escapar. (FOUCAULT, 1995, p. 244)

Diferente da visão foucaultiana, que enquadra o poder em relações sociais capilarizadas (corpo a corpo), a passagem revela relações de soberania entre classes, mesmo que personalizadas nas figuras dos dois reis. Para Foucault (2006, p. 181), “o sistema de direito é inteiramente centrado no rei e é, portanto, a eliminação da dominação e de suas consequências. [...]”. Em contraposição, ele afirma: “Por dominação eu não entendo o fato de uma dominação global de uns sobre os outros, ou de um grupo sobre outro, mas as múltiplas formas de dominação que podem se exercer na sociedade” (FOUCAULT, 2006, p.181).

4.1.6. Sujeição e resistência dos homens

Outro discurso pertinente para esta análise é o que se desenvolve entre os anões e os homens. Quando os anões e o hobbit chegam à cidade de Esgaroth, próxima à Montanha Solitária, há um encontro com o governante, um homem que recebe a alcunha de Senhor da Cidade. Em seu diálogo com os anões, a expectativa pelo retorno do Rei sob a Montanha, pautada por uma antiga profecia, dá o tom das relações que se estabelecem naquele momento:

- Sou Thorin, filho de Thrain, filho de Thror, Rei sob a Montanha! Eu retornei! – anunciou Thorin da porta em voz alta, antes que o capitão pudesse dizer algo. [...].

- É verdade que fomos injustamente capturados pelo Rei Élfico e aprisionados sem motivo quando retornávamos à nossa própria terra – respondeu Thorin. – Mas nem correntes nem

barras podem atrapalhar o retorno anunciado outrora. Nem esta cidade pertence ao reino dos Elfos da Floresta. Eu me dirijo ao Senhor da cidade dos Homens do lago, e não aos jangadeiros do rei. [...]. (TOLKIEN, 1999, p.191)

- Certamente, ó, Thorin, filho de Thrain, filho de Thrór! – foi isso o que disse. – Devem reivindicar o que lhes pertence. É chegado o tempo outrora anunciado. Toda a ajuda que eu puder oferecer-lhes será sua, e confiamos na sua gratidão quando seu reino for reconquistado. (TOLKIEN, 1999, p.194)

Nesse contexto, dada a estreita ligação entre os homens daquela região e os anões que habitavam o “reino sob a montanha”, especialmente no aspecto comercial, o retorno do antigo rei e a expectativa de libertação do terror que a presença do dragão Smaug fazia pairar sobre a região, geram naqueles homens uma predisposição a se sujeitarem aos interesses e governo dos anões. No entanto, Foucault atenta para as relações estratégicas:

[...] trata-se da racionalidade empregada para atingirmos um objetivo. Para designar a maneira pela qual um parceiro, num jogo dado, age em função daquilo que ele pensa dever ser a ação dos outros, e daquilo que ele acredita que os outros pensarão ser a dele; em suma, a maneira pela qual tentamos ter uma vantagem sobre o outro. (FOUCAULT, 1995, p. 247)

Isso significa dizer que, ao mesmo tempo, essa também é uma submissão estratégica, pois visa à possibilidade de lucro diante da lendária riqueza dos anões, agora sob o domínio do dragão.

Após a chegada da comitiva à Montanha Solitária, Smaug deixa seu esconderijo e ataca a cidade do Lago, provocando grande destruição. Depois de ser abatido, os homens vão em busca dos anões, querendo uma reparação aos danos causados pelo despertar do dragão, conforme o trecho a seguir:

[...] – e nesse ponto, o Senhor levantou-se e falou numa voz bem alta e clara -, por que jogam toda a culpa em mim? Por qual falta devo ser deposto? Quem acordou o dragão de seu sono, se me permitem perguntar? Quem obteve de nós ricos presentes e grande ajuda, fazendo-nos acreditar que canções antigas tornar-se-iam verdade? Quem tirou vantagem de nossos corações moles e nossas fantasias de felicidade? Que tipo de ouro nos enviaram pelo rio como recompensa? Fogo de dragão e ruína! A quem devemos reclamar compensação por nossos prejuízos e ajuda para nossas viúvas e órfãos? (TOLKIEN, 1999, p. 245).

Aqui, identificamos o surgimento de uma resistência das pessoas da cidade ao discurso de autoridade de Thorin, em oposição à sujeição voluntária manifestada

inicialmente. De acordo com Foucault (2006), o jogo de poder *versus* resistência é uma relação de força, ele se disputa e, nela, ou se ganha ou se perde. Esse jogo fica evidente quando o capitão Bard, homem que conseguiu derrotar o dragão, é enviado aos portões do reino dos anões para apresentar o pedido de reparação econômica em nome dos habitantes da cidade de Esgaroth, conforme destacado no trecho abaixo:

- Eu sou Bard e por minha mão o dragão foi morto e seu tesouro, libertado. Não é assunto do seu interesse? Além disso, sou, por direito, descendente de Girion, de Valle, e o seu tesouro está misturado a grande parte das riquezas dos salões e cidades dele, roubadas pelo velho Smaug. Não podemos falar sobre essa questão? [...].

- Você coloca seu pior motivo por último, e no lugar principal - respondeu Thorin. – Ao tesouro de meu povo nenhum homem tem direito só porque Smaug, que o roubou de nós, também roubou-lhe a vida ou a casa. O tesouro não lhe pertencia para que seus malefícios devam ser reparados com uma parte dele. O preço dos bens e da assistência que recebemos dos Homens do Lago serão justamente pagos, no devido tempo. Mas não daremos *nada*, nem mesmo o valor de um pão, sob ameaça de força. (TOLKIEN, 1999, pp. 256-257).

Nesse diálogo, fica patente a tensão entre o poder e a resistência no discurso de ambos as personagens. Enquanto o homem apoia-se numa argumentação moral para convencer seu opositor a ressarcir os danos provocados por sua empreitada, o anão utiliza de sua autoridade para justificar seu posicionamento, ao mesmo tempo que resiste a qualquer forma de pressão baseada na força, seja física ou psicológica. Em resposta a esse posicionamento de Thorin, os homens de Esgaroth estabelecem um cerco ao redor da Montanha Solitária, levando a uma situação de conflito eminente e violento. A esse respeito, Foucault explica:

Pode perfeitamente acontecer que um fato de dominação seja apenas a transcrição de um dos mecanismos de poder de uma relação de confronto e de suas conseqüências (uma estrutura política derivada de uma invasão); também pode ocorrer que uma relação de luta entre dois adversários seja o efeito do desenvolvimento das relações de poder com os conflitos e as clivagens que ela encadeia. (FOUCAULT, 1995, p. 249)

Esse cenário de guerra acaba por se modificar com a chegada de um inimigo em comum dos cinco povos, o que resulta na unificação desses e em uma luta que se simplifica entre “o bem e o mau”, não enfatizando nos discursos que

seguem à batalha relações muito explícitas de poder e resistência, pois, como sugere Foucault (1995, p. 234) "Elas não objetivam o 'inimigo mor', mas o inimigo imediato. Nem esperam encontrar uma solução para seus problemas no futuro", razão pela qual são lutas de poder imediatas.

Os diálogos que se desenvolvem entre Bilbo e os homens ou entre Bilbo e os elfos na obra *O Hobbit* foram poucos e não muito significativos para uma análise das relações de poder em seu discurso, sendo, por isso, não considerados neste trabalho, embora sejam abundantes e riquíssimos em conteúdo em outros livros do *Legendarium* de Tolkien.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras literárias que compõem o *Legendarium* de Tolkien são ricas em diálogos que retratam posições de sujeito capazes de representar, em seus discursos, toda uma coletividade. O exercício do poder entre elas e o jogo com a resistência, em trocas constantes de dominação e sujeição, torna-se evidente em diversos momentos do enredo.

Neste trabalho, observou-se como as cinco raças mais relevantes d'O *Hobbit*, nesse ínterim social, revelaram, ainda que em um cenário fictício, as relações de poder elucidadas por Foucault, por meio de análises em que se direcionou o olhar para o modo como as personagens se portavam mediante o poder, seja no exercício do mesmo ou em resistência a ele.

Estudou-se as relações entre Mago x Hobbit; Mago x Anão; Mago x Elfo; Anão x Hobbit; Anão x Elfo e Anão x Homem. Uma vez que as análises foram feitas embasadas na noção foucaultiana da microfísica do poder – na qual o jogo do poder é observado no que há de mais capilar das relações interpessoais – considerou-se que a hierarquia entre as raças é um fator importante na produção dos discursos, pois, ainda que haja resistências aos poderes que neles se refletem, as posições de sujeito na sociedade da Terra-média influenciam na força que tem cada enunciado. O poder, nessa hierarquia, pouco tende a oscilar entre as personagens: o mago, por exemplo, exerce um poder maior em seu discurso com mais frequência, enquanto hobbits precisam constantemente usar da resistência para provar seu valor e agregar peso a sua voz. No entanto, como se trata de uma sociedade, mesmo que fantástica, Foucault sugere que:

Viver em sociedade é, de qualquer maneira, viver de modo que seja possível a alguns agirem sobre a ação dos outros. Uma sociedade "sem relações de poder" só pode ser uma abstração. (FOUCAULT, 1995, p. 245-246)

Por isso, constatou-se que há inversões dentro dessa disputa pelo poder e, quando ocorrem, é clara e certa a resistência do lado que sofre essa ação.

Finalmente, é válido ressaltar que a relevância deste trabalho para as pesquisas em Análise do Discurso se faz, especialmente, por se tratar de um objeto de estudo inserido em uma esfera fantástica e, portanto, artificial. Ainda assim, nela se pode observar posições de sujeito e a dinâmica do jogo de poder sob o método

preconizado por Foucault: em um nível molecular, capilarizado, nas micro relações entre sujeitos. E assim se fez possível graças ao nível de detalhamento de Tolkien na criação das personagens e na escrita precisa e bem delineada sobre as particularidades de cada ser desse universo fantástico.

REFERÊNCIAS

- BRAGA, Amanda. **A mídia impressa na promoção de discursos sobre políticas de igualdade racial: o negro e a revista *Raça***. 2008. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.
- CARPENTER, Humphrey. **J.R.R. Tolkien: Uma Biografia**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/baixar-livro-j-r-r-tolkien-uma-biografia-humphrey-carpenter-em-pdf-epub-mobi-ou-ler-online/>>. Acesso em: 18 mar. 2018.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do Discurso: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. Tradução de Bacharéis em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos: Clara Luz, 2007. Disponível em: <http://www.foucault.ileel.ufu.br/noticias/livro-analise-do-discurso-reflexoes-introductorias-cleudemar-alves-fernandes>>. Acesso em: 04 maio 2018.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da Análise do Discurso no Brasil. **Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria**. Santa Maria, n. 27, p. 39-46, jul./dez. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11896>>. Acesso em: 04 maio 2018.
- FOUCAULT, Michel. Soberania e disciplina. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução de Roberto Machado. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 41. edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- _____. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Edições 70, 2010.
- _____. O Sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231–249.
- LEWIS, Clive Staples. **THE HOBBIT or There and Back Again**. By J.R.R. TOLKIEN. Times Literary Supplement. 1937. Londres. 02 out. 1937. Seção 6. Disponível em: <<https://www.the-tls.co.uk/articles/public/then-and-now-1937-c-s-lewis-j-r-r-tolkien/>>. Acesso em: 18 mar 2018.

MAZZOLA, Renan Belmonte. **Análise do discurso e ciberespaço**: heterotopias contemporâneas. 2010. 135 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Araraquara, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/93941>>. Acesso em: 11 maio 2018.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2015.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O Hobbit**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ANEXOS

ANEXO 1: Mapa da existência criada por Eru Ilúvatar



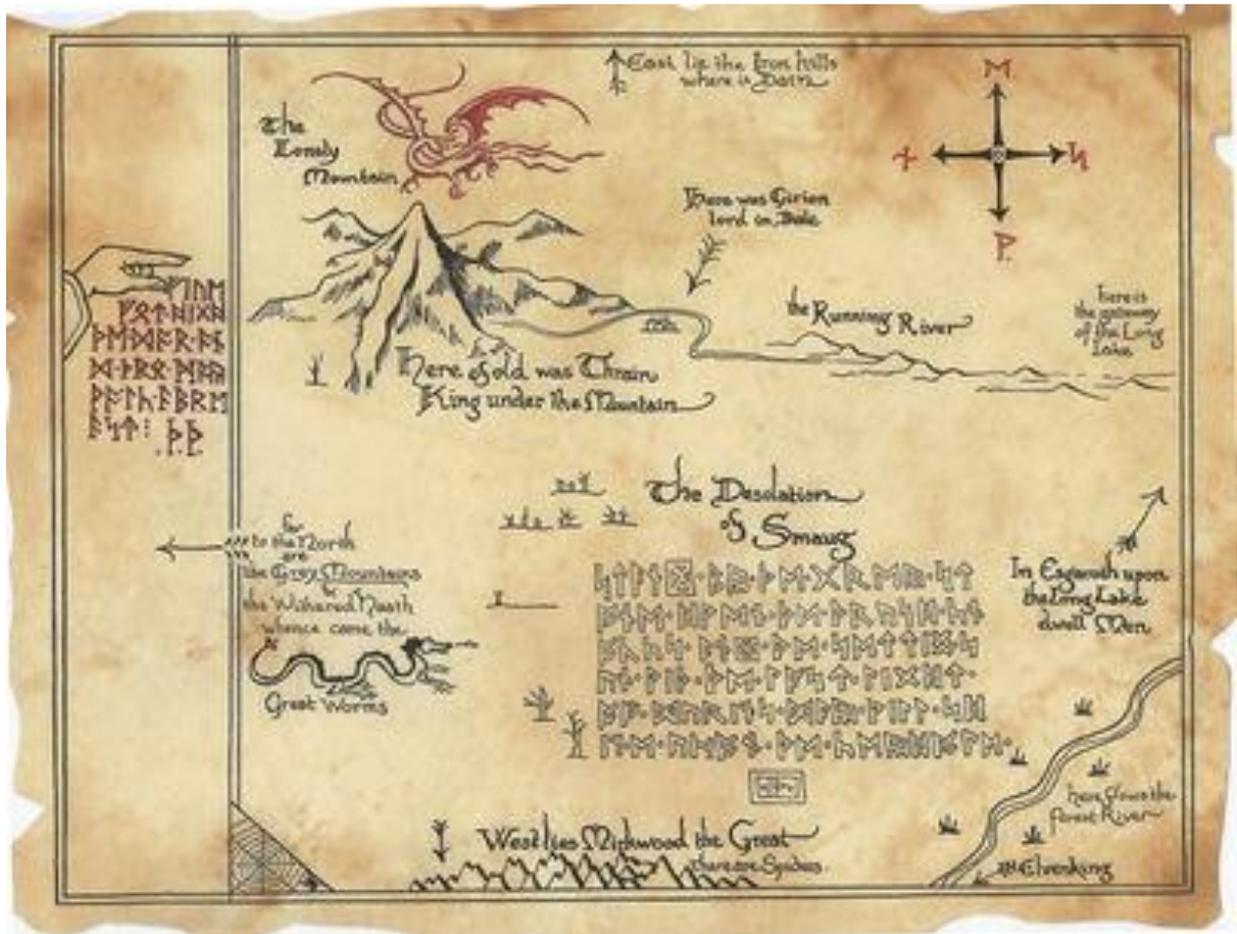
FONTE: <http://tolkienbrasil.com/legendarium/entendendo-os-astros-e-o-universo-de-tolkien/>. Acesso em: 11 abr. 2018.

ANEXO 2: Mapa da Terra-média



Fonte: <<https://aleciapina.wordpress.com/category/mapas/>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

ANEXO 3: Mapa de Thorin Escudo de Carvalho



Fonte: <http://esdla.wikia.com/wiki/Mapa_de_Thorin_Escudo_de_Carvalho>. Acesso em: 11 abr. 2018.